

BOLETIM

da Associação de Classe
dos Empregados de Escritório

Feito sob a direcção
da
Comissão de Propaganda
da

Associação de Classe
dos Empregados de Escritório
nas oficinas da

Imp. Libânio da Silva
T. DO PALA-SÓ, 24

Onze anos depois

O desencadear duma tempestade social cujos últimos efeitos, bons ou maus, estão longe ainda dos nossos olhos assombrados, obrigou-nos, há onze anos, a fechar com o número 25 a primeira série do nosso *Boletim*.

Só hoje, onze anos volvidos, o número 26 vem, como unidade inicial duma nova série que onze anos de suspensão justificam sobejamente, mostrar aos nossos velhos camaradas de então que a Associação dos Empregados de Escritório de Lisboa vive ainda, e vive nas mãos de gente moça que sabe compreender a sua época, que é toda de colectivismo, e sabe respeitar, admirar e continuar a obra por eles encetada.

Nós somos dos que não sucumbiram nestes onze anos de incertezas, de desânimos e de deserções.

A Associação dos Empregados de Escritório de Lisboa, numericamente pequena em 1914, pequena hoje ainda, teve quem a amparasse, quem a compreendesse, quem vivesse a sua vida, durante estes onze anos que foram onze séculos na vida da humanidade.

E viveu, ela, e flutuou, grande na pequenez das suas dimensões aritméticas, acima da tempestade de paixões, de egoísmos, de ódios e de interesses que fez tremer o mundo.

E' que a nossa idea tem alma, tem sol, tem verdade. E só o que é bom e verdadeiro é forte e perdurável.

Podem as vicissitudes duma vida artificial e fictícia arrastar-nos para o redemoinho de lutas bestiais; pode o falso ardor dum individualismo doido desenvolver em nosso peito os espinhos do egoísmo feroz e da ambição torpe; salvar-se há o que é puro e são, e justo, e belo, e eterno.

A nuvem é ameaçadoramente grande, potente, colossal, e rouba-nos o sol que está distante. Mas só o sol é grande, infinitamente grande, real e verdadeiro. Ela há-de aperceber-se disso, e há-de dissipar-se, morrer, voltar à sua primitiva essência, desfeita, vencida, apunhalada por um só raio solar.

Iamo-nos perdendo todos.

Nós próprios, os homens de fé e de ideal, descremos de nós mesmos, fomos inferiores a nós; hemos de confessá-lo, tarde ou cedo. Mas reagimos, ou temos de reagir, e juntar ao valor dos nossos o nosso valor, à sua fé a nossa fé, aos seus ideais o nosso ideal.

Cada um de nós não se salvará por si. A salvação há-de ser comum porque é comum o perigo. A acção tem de ser comum, coesiva e consciente.

Juntos, muitos se salvarão. Isolados, não se salvará ninguém.

O próprio egoísmo, a pró-

pria força individualista que nos leva a pôr os nossos interesses materiais acima de tudo, essa mesmo nos associará quando a inteligência nos tiver mostrado que os nossos interesses são afins com os de alguns ou de todos.

O século é de agregação, de associação, de colectivismo.

Urge que sintamos isto, que pensemos isto. Nós sentimos. E é porque sentimos que estamos aqui. E' porque queremos fazê-lo sentir que renasce este *Boletim*, larva que foi crisálida onze anos, e que nós quizémos ver borboleta espargindo fecundidade e vida, pequena e modesta como é, na pequenez da sua acanhada esfera.

Assim os empregados de escritório pudessem compreender-nos e corresponder aos objectivos desta pequena publicação que é, no dia do 15.º aniversário da nossa Associação, a maior homenagem que nós — comissão de propaganda — sabemos prestar-lhe.

Assim eles soubessem sentir como nós, que os interesses comuns e colectivos só colectivamente podem defender-se.

Assim eles quizessem ver que a nossa Associação, que é de todos os empregados de escritório — que de todos tem sido nestes quinze anos de existência, que de todos tem de ser — só forte, amparada e engrandecida poderá exercer com eficácia a sua acção na defeza duma classe pela qual tanto há que velar.

A VIDA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

O que ela foi

Faz hoje quinze anos a nossa Associação.

Lançando um olhar retrospectivo reportando-nos ao seu início, concluímos por atribuir a sua fundação a uma necessidade que imperiosamente se fazia sentir.

Tem, porventura, a Associação, correspondido a essa necessidade, integrando-se na luta de classes, de maneira a conseguir, para os seus associados em particular e para a classe em geral, uma situação económica de harmonia com as suas aspirações?

Francamente respondemos que não.

Simplemente devemos acrescentar que não tem sido sua a culpa, mas tão sómente da própria classe que, talvez por indiferença — sejamos benévolos — se tem alheado por completo do seu próprio futuro, alheando-se completamente do futuro da Associação.

Esta indiferença, latente ainda — a-pesar-das demonstrações sucessivas que nos veem sendo dadas por classes mais bem organizadas, embora de cultura inferior — deverá ser classificada de crime, se continuar subsistindo.

Estamos, porém, esperançados que tal não acontecerá, porquanto aos esforços que tem sido dispendidos pelas sucessivas direcções que se tem revezado desde 1910 — data da fundação da nossa Associação — juntaremos os nossos, orientando todo o nosso trabalho em proveito da classe a que pertencemos, embora tenhamos a convicção de que o não fazemos com aquele brilho que caracterizou a acção das direcções anteriores.

O que nos falta em brilho, porém, sobejar-nos-á em sinceridade, e é com ela que contamos para convencer aqueles nossos colegas descrentes dum melhor futuro através da Associação e para insuflar no espírito dos indiferentes o interesse pela obra que comumente teremos de realizar.

Está a classe disposta a auxiliar-nos nessa obra que interessa a todos e só por todos poderá ser levada a efeito?

Da resposta a esta pergunta, traduzida em factos, dependerá o futuro da nossa Associação cuja existência hoje, mais do que nunca, se justifica.

Tem, pois, a classe o ensejo de se manifestar no sentido que entender ponderando bem, antes de omear uma resolução definitiva, as inúmeras vantagens que lhe dvirão do seu ingresso na Associação.

O que ela é

A Direcção que durante o ano de 1924 esteve à frente da Associação, não encontrando criada nenhuma iniciativa que tivesse de continuar e achando, por assim dizer, paralizada toda a vida da Associação, tratou de pôr em ordem todos os assuntos pendentes.

Arrumada a casa, estudou uma série de iniciativas que, postas em prática depois de aprovadas pela assembleia geral, muito deverão contribuir para o progressivo e necessário desenvolvimento da Associação.

Essas iniciativas foram cometidas a comissões nomeadas especialmente para esse fim, as quais, com todo o carinho, se veem dedicando aos assuntos que lhes dizem respeito.

Assim, a Comissão de Educação abriu já as matriculas para o «Curso do Profissional de Escritório» que oportunamente vai ser iniciado.

A's vantagens que do integral aproveitamento deste curso podem resultar para a nossa classe, julgamos desnecessário referir-nos, porquanto todos os profissionais de escritório sentem a necessidade de aprender alguma coisa de mais prático do que os conhecimentos adquiridos no liceu e a principal característica deste curso é exactamente aquela orientação prática que falta em todos os cursos comerciais.

Simultaneamente, está a mesma Comissão reorganizando a biblioteca da Associação, seleccionando os livros existentes, adquirindo outros, fazendo assinaturas de revistas nacionais e estrangeiras, afim de que os associados possam andar em dia com os acontecimentos de maior vulto de todo o mundo.

A Comissão de Propaganda também não se tem conservado inactiva. Este Boletim é uma prova flagrante dessa actividade, actividade que irá sendo desenvolvida à medida que os recursos da Associação o permitam.

Os recursos da Associação! Que tremendo obstáculo não representa este problema!

Todas as iniciativas, por mais bem estudadas e orientadas que sejam, sossobram irremediavelmente ante este problema de solução tão difficil que se nos afigura insolúvel enquanto persistir o seguinte dilema! Faltam os recursos à Associação, em virtude da falta de propaganda, e falta a propaganda por faltarem os recursos...

O que deve ser

Nas condições apontadas não é difficil prever para a nossa Associação um futuro isento de preocupações. Uma vez quebrado aquele círculo vicioso a que nos referimos, e que tem aniquilado todas as iniciativas convergentes ao levantamento da Associação, poder-se-á levar ao conhecimento de todos os profissionais de escritório a existência da sua Associação de classe ou sindicato profissional, innumerando-lhes as vantagens que resultarão do seu immediato ingresso na mesma.

A Associação tornar-se-á forte, porque a sua força, residindo essencialmente no número dos seus associados, irá aumentando numa progressão constante, à medida que a propaganda da Associação se fôr infiltrando no espirito daqueles que ainda desconhecem a sua existência, daqueles que, conhecendo-a, supõem tratar-se dum organismo destinado a cobrar pontualmente as suas cotas...

A instrução profissional será outro poderoso impulso para o objectivo a atingir, visto demonstrar praticamente a eficiência da sua acção.

Inúmeros problemas precisam de ser resolvidos por nós, visto interessarem-nos directamente. Destacaremos dentre eles, a questão do horário de trabalho já consignado em lei, devidamente regulamentada, que está sendo sistematicamente desrespeitada, como o foram as conscientes reclamações de um elevado número de colegas que, sem auferir maiores proventos, são obrigados a permanecer no escritório um maior número de horas do que as determinadas por lei, sob pena de, se o não fizerem ou simplesmente protestarem, serem lançados irremediavelmente no desemprego.

Casos destes, não se verificariam nunca se a nossa classe estivesse devidamente organizada de maneira a poder impôr, simplesmente pela incontestável justiça que lhe assiste, os pontos de vista que a norteiam, como trabalhadores que são com pleno direito à vida.

E' na crença de que em breve essa organização esteja feita, que nós afirmamos que o futuro da nossa Associação e, por conseguinte da nossa classe, será isento de preocupações. Se, pelo contrário, essa organização não se fizer, terríveis dias estarão reservados a uma classe que não se salvou simplesmente porque o seu desleixo ou criminosa indiferença lho não consentiu.

O EMPREGADO DE ESCRITÓRIO

De ontem

Não há um empregado de escritório tão feliz que, através da sua vida de trabalho, não tenha, uma vez ao menos, topado com um patrão velho que haja sido caixeiro em moço.

Não há nenhum, pois, que não tenha ouvido, uma vez ou muitas, a frase velha como o velho patrão: — «No meu tempo, quando eu entrava para o emprego às seis e saía alta noite...»

E era assim, realmente.

O empregado de escritório de ontem está aí, nesse velho de barretinho, cuja concepção da vida coube sempre dentro da função «comércio» e da palavra «dinheiro».

A's seis da manhã, o empregado de escritório, espécie de gerente, de guarda-livros, de caixeiro-de-fora, de cobrador, de secretário particular, voltava — materializados cérebro e corpo na monotonia embrutecedora do ramerrão — aos talpais do escritório-armazém de «secos e molhados» donde o patrão, poucas horas antes, lhe dera licença que saísse.

Sentido da vida: — trabalhar e dormir.

Opinião política e social: — ser dedicado servo dentro da loja e pacato cidadão cá fora.

Ideais: — casar com a patroa filha e ver juntar à taboleta do estabelecimento a fórmula comercial colectiva «& C.ª».

E trabalhava para isso.

Trabalhava muito, num trabalho tão extenuante como improdutivo, tão rotineiro e exaustivo como o empirismo da vida comercial de então, e de hoje ainda.

Sob o ponto de vista profissional, era ainda pelo pensamento do patrão que ele afinava o seu: — «assim faziam os seus antecessores, assim fazia ele também».

Trabalhava e era amigo da casa, dedicado e fiel. E isso era tudo.

Trabalhava muito, sempre muitas horas seguidas. Mas sempre do mesmo modo; sempre tão indiferente a ideias novas e a novos métodos quanto pode ficar indiferente um manso boi que, puxando um carro, vê passar a seu lado, estrada fora, um automóvel a toda a velocidade.

Mas trabalhava. E sabia tudo, e resolvia tudo.

Precisava saber somar e multiplicar, e sabia. E, se não soubesse multiplicar, somava. Somar parcelas iguais é multiplicar.

Leva mais tempo? Trabalhemos mais! O que é preciso é trabalhar; trabalhar muito!

De hoje

Mudaram alguma coisa os tempos. A vida mudou. O mundo, no seu rodar incessante, avançando sempre, progredindo sempre, revolucionou os costumes e os sistemas. O tempo, o grande mestre, dá-nos, dia a dia, os seus formidáveis ensinamentos, e nós, quer queiramos quer não, somos forçados a avançar com ele para um fim quantas vezes diferente daquele que ainda ontem tínhamos como inevitável.

Os homens, por mais retrógrados, por mais apegados a velharias, a preconceitos e a rotinas, não podem evitar o tempo, não podem ser estranhos à época em que vivem e ao desenrolar dos acontecimentos que à sua volta se vão realizando, acontecimentos sempre mais filhos da época do que dependentes da vontade do homem.

Há os que caminham, ansiosos de vida e de beleza, ao encontro do tempo. Há os que teimam em ficar para traz e que só arrastados evoluem.

Nós evoluímos. Evoluíu a nossa profissão. O comércio de rotina e de empirismo tende a transformar-se e tende, como tudo, a procurar uma base científica e uma compleição consentânea com o tempo que passa.

O pequeno comerciante de ontem tende a desaparecer. A firma individual dá lugar à sociedade anónima. E' o princípio do colectivismo que actua, ainda contra a vontade dos indivíduos que o realizam.

A vida industrial é cada vez mais e mais complexa. O que um homem fazia ontem por si só, requer hoje a cooperação de milhares de indivíduos.

¿O que é, no meio disto, o empregado de escritório de hoje?

É, ou deve ser, um bom profissional, perfeito, completo, sabendo o bastante para não ficar atraz da obra que profissionalmente é chamado a desempenhar; estudioso e consciente do seu valor, do seu brio e da sua dignidade profissional e pessoal.

Caminhamos para o tempo em que só quem se honra da sua profissão e procura honra-la com o seu trabalho e estudo constante merece ser admirado e respeitado.

A época que vivemos, excessivamente materialista, destina-se a registar uma luta económica de que os mais fortes hão de, como sempre, sair vencedores.

Os mais fortes são os que maior bagagem de conhecimentos e maiores facultades de trabalho tiverem.

De amanhã

¿Quem pode hoje, no meio do nevoeiro em que vivemos, falar do dia de amanhã?

O passado conhecemo-lo todos. A análise é fácil. O presente vivemo-lo e sentimos-lo, os que o sabem viver e sentir.

Podemos falar do passado distante; a instabilidade da nossa vida actual não nos deixa, porém, ser profetas. Do futuro hemos de falar pouco se quizermos acertar n'alguma coisa.

Nós, empregados de escritório, temos, como profissionais neste período que é todo de acção profissional, um caminho aberto e amplo.

Há alguma coisa de singular na nossa profissão: é que nenhuma manifestação de actividade económica a dispensa.

O engenheiro tem um campo restrito à sua especialidade; o maquinista guia a máquina; o professor espalha o seu saber; o pedreiro levanta os edifícios; mas nós, profissionais do número aritmético, acompanhamo-los a todos; em toda-a-parte exercemos a nossa actividade profissional; a todos prestamos o concurso indispensável do nosso mister.

E' necessário que nos apercebamos disto, não para nos orgulharmos duma superioridade que não existe, mas para termos a exacta consciência da nossa missão e das nossas responsabilidades profissionais.

Temos que estudar, que aperfeiçoar nossos métodos de trabalho.

Trabalhar muito?

Sim, e não. Trabalhar muito, sim, se entende-mos que trabalhar é produzir; não, se julgarmos que é dispendendo muito esforço que trabalhamos mais.

O empregado de escritório, trabalhando amanhã cinco ou seis horas por dia, pode produzir mais do que hoje, como hoje em sete horas diárias de trabalho, em média, produz mais do que ontem em doze e quinze.

Precizamos trabalhar, sim, mas trabalhar proveitosamente, estudando sempre, não simplesmente aquele estudo que se faz na escola de instrução oficial ou particular, mas o estudo do homem e do profissional que vai procurar com os seus camaradas de trabalho um maior aperfeiçoamento da sua profissão e um maior respeito, por parte da sociedade, por todos os que dignamente a exercem.

QUESTÕES PROFISSIONAIS

A CONTABILIDADE

DEFINIDA PELOS MESTRES LÉAUTEY E GUILBAULT

Desejando responder à pergunta:—Que é a contabilidade?— nós começaremos por verificar que o fim da contabilidade é estabelecer contas que permitam comparar os valores materiais.

Tendo as contas por base uma ou mais operações aritméticas, conclui-se que a contabilidade é um ramo da matemática, isto é, da ciência que tem por fim o estudo racional das grandezas que podem ser enumeradas, medidas, avaliadas; e os valores económicos constituem também grandezas pois são susceptíveis de aumento ou diminuição.

Sabendo já por este raciocínio que a contabilidade é um ramo das sciências matemáticas, concluímos que ela deve ser colocada no número das sciências exactas.

Isto estabelecido, a nossa definição deve afirmar que a contabilidade, cujo fim é estabelecer contas, é um ramo das matemáticas pois que delas tira os elementos que necessita, fornecendo em troca os elementos de demonstração.

Sendo as contas aritméticas e estatísticas a base da contabilidade, será uma série destas contas a contabilidade?

Evidentemente não. Elas não são senão operações isoladas desprovidas daquela união contabilista que lhes é fornecida por uma classificação metódica.

Se as operações ou mudanças de valores que dão origem às contas aritméticas se renovam com frequência, impõe-se a necessidade de as registar, afim de se deixar uma prova e de suprir a falta de memória.

Então depressa se conhece que este registo deve ser feito com ordem.

A ordem é necessária à coordenação, classificação e combinação, como ao registo das contas. A contabilidade, tendo por fim organizar racionalmente as contas, é, à falta de ordem, a negação completa da contabilidade. Disto concluímos nós que um factor tão importante como a ordem deve figurar na definição da contabilidade. Bastar-nos há, pois, dizer que a contabilidade, ramo das matemáticas, é a sciência da ordem nas contas? A isso estamos tentados. Mas antes de o fazermos, lembremo-nos de que a condição essencial à arte de bem raciocinar é não deixar alguma das palavras que empregamos sem a definir.

«Os géometras e todos aqueles que procedem metódicamente — diz Pascal — não põem nome às coisas senão para abreviar o discurso e não com o fim de diminuir ou modificar a idea das coisas de que falam».

Então que é a ordem? Será a ordem uma sciência e poderemos nós dizer que a contabilidade é a sciência da ordem nas contas?

A ordem, dizem os dicionários, é o arranjo, a disposição, a relação das coisas entre si. «Uma série de conveniências com um centro comum forma a ordem» diz Bernardin de Saint-Pierre. «A ordem serve de apoio à memoria, de inspiração à imaginação de facto ao nosso critério» diz Gérande.

A ordem é necessária a todas as coisas e a todas as coisas se aplica. Ora, se a ordem é uma sciência, esta sciência deve receber tantos qualificativos quantas sejam as coisas a que a ordem se possa aplicar. Ter-se-ia assim a sciência da ordem matemática, a sciência da ordem química, física astronómica; a sciência da ordem filosófica, literária, musical, social, política, administrativa, etc. Isto mostra-nos que a palavra ordem tem várias significações segundo as coisas às quais ela é aplicada. Assim, a ordem em matéria de contabilidade não representa a mesma idea que a ordem nas suas relações com a existência das sociedades. No primeiro caso a palavra ordem traduz a idea de arranjo harmónico, de disposição, de classificação segundo um método guiado pelo raciocínio. A ordem no segundo caso traduz uma idea de hierarquia, de subordinação. A ordem retórica é a ligação metódica das diversas partes dum discurso com o fim de não fatigar a atenção do auditorio. «A ordem e o movimento que se põe nos pensamentos é o estilo» diz Buffon.

A ordem filosófica, como a ordem matemática, são certo métodos de exposição que vai do simples ao complexo com o fim de facilitar ao aluno o estudo das dificuldades que o seu espirito não poderia resolver de improviso. Mas, quer se trate de matemáticas, de filosofia, de retórica ou de contabilidade, nós notamos que a ordem posta em relação com os diversos ramos da sciência depende sempre do raciocínio tanto na exposição dos factos, como na ligação das

ideas, como no método de classificação. Do mesmo modo seria absurdo supor que sem o auxilio do raciocínio se poderia calcular, filosofar, experimentar ou registar quaisquer operações com ordem. A palavra, nas suas relações com a arte e a sciência, significa pois: arranjo, combinação, classificação, ligação, exposição de ideas, de coisas, segundo método derivando elle próprio do raciocínio. E no sentido de faculdade pessoal, a ordem é a conformidade das acções do homem com as regras que lhe dita a razão.

Do que deixamos dito concluímos a seguinte definição: a ordem é o raciocínio exercendo-se sobre determinada coisa.

A razão dita ao homem as regras da ordem que elle aplica com maior ou menor perfeição.

Não sendo a ordem uma sciência, mas sim um atributo da sciência, nós não devemos dizer: a contabilidade é a sciência da ordem nas contas, a aritmética é a sciência da ordem nos cálculos, ou a química é a sciência da ordem nas análises, etc, e isto porque todas estas sciências estão baseadas num conjunto de conhecimentos independentes da ordem. No entanto, devemos tomar em consideração o papel importante da ordem na busca da verdade e não esquecer que à falta de ordem toda a sciência é retardada na sua marcha.

Sendo a ordem uma condição para o progresso das sciências em geral e da contabilidade em particular, nós diremos:

«A contabilidade sendo um ramo das matemáticas, é a sciência da coordenação racional das contas».

Atingida esta terceira forma de definir a contabilidade, resta-nos precisar a natureza das contas ás quais a contabilidade se aplica.

Trata-se, evidentemente, de contas de grandeza ou valores económicos e sociais determinados em unidade moeda, isto é, de contas que os homens estabelecem com o fim de conhecerem as modificações que se operam no que elles tem e no que elles devem, quer essas modificações sejam devidas ao produto do esforço próprio, quer ao concurso de capitais colocados à disposição do trabalho, quer ao custo dos objectos, quaisquer que sejam, que elles utilizam ou consomem.

(Continua)

A OBRA DE IBSEN

APRECIADA POR JOÃO PEDRO FREIRE DE ANDRADE

Parece-nos que uma inteligência não se poderá considerar completa, se entre os conhecimentos armazenados não estiver uma razoável cultura literária. Os escritores destacam-se da multidão dos grandes homens, como aqueles que aliam a um maior anseio de perfeição o mais refinado amor pela beleza. Eles pairam sobre os filósofos, sobre os sábios e sobre os inventores, porque são os mais claros, os mais luminosos, os mais idealistas. A filosofia puída dos cartapácios bolorentos, passada para o romance ou para o drama, encanta, distrai e comove.

Entre os escritores idealistas, d'aquelles que se esforçam por dar um sentido humano à sua obra, e, simultaneamente, por mostrar à humanidade um caminho mais amplo e mais nobre, está Ibsen, o genial dramaturgo norueguês, pai do moderno teatro de análise. Na sua obra passa em rijas lufadas o claro ideal que acalentam os peitos generosos. Não se julgue, porém, que Ibsen seja um pregador cãndido e simples. Quando escreveu as suas melhores peças já tinha a cabeça coberta de cãs. Assim, o ideal nêle não se reveste da ingênua certeza dos doutrinários exaltados que todos nós conhecemos na vida. A maior parte dos seus dramas são pessimistas, e em quase todos a análise profunda a que o autor desce conduz a resultados negativos e angustiosamente desoladores. Mas assim mesmo, que idealismo, que fé e que amor pela humanidade! Toda a sua obra é atravessada por um grito lamentoso, que soltam as suas personagens sofredoras, mas nêsse grito, se vibra a dor desgredhada do presente, vibra também a esperança forte do futuro.

Ibsen fez dramas porque viu que o drama é o género literário que melhor fixa e transmite ao público as angústias do homem, as suas dúvidas, as suas revoltas e os seus sofrimentos. Em algumas das suas peças apresenta-se-nos a humanidade como é agora, vergada ao peso da dor causada pelos seus próprios erros. Noutras esboça-se a revolta, e uma esperança de redenção aparece. Os homens, de vítimas fazem-se acusadores, e a idea, erguida ao alto, como uma chama, ilumina-lhes os passos. Depois vêm as obras de sonho puro. Os homens, de tão alto que sobem, na ascensão continua do ideal, tornam-se gigantes. Mas este é

apenas o triunfo do individualismo, porque em volta dêsses homens a multidão é ainda pequenina e egoísta. Solness é o modelo do artista, como Brand é o modelo do apóstolo. Mas ambos morrem vítimas do meio. Solness, subido ao cume do seu sonho, despenha-se, tomado por uma vertigem terrena. Brand, o terrível asceta, o mais perfeito dos idealistas de Ibsen, é apedrejado pela multidão no momento mesmo em que a ia dominar.

Primeiro, o homem é-nos apresentado, tal como é, e sofredor e humilde. Depois revolta-se, levado pelo sofrimento. Por fim, é já insensível à dor, — e ficou só revolta e sonho.

«Os Espectros», o mais afamado drama de Ibsen, pertence ao primeiro grupo. As revoltas de Madame Alving não são mais do que um fêbil gemido ante a desgraça enorme de seu filho, que ela não pode curar. Oswald Alving, o desgraçado pintor que em meio da mocidade e do triunfo perde, primeiro a faculdade do trabalho, depois a razão, vítima dos abusos e das torpezas do camarista Alving, seu pai, considerado, apesar de tudo, como um modelo de virtudes, anos após a sua morte, — Oswald é bem um símbolo da humanidade de hoje, vítima como êle dos crimes dos antepassados, venerados e havia no sacrossanto altar da História como varões virtuosos e sublimes...

Mas, em «Hedda Gabler» e em «O Pato Bravo» os idealistas surgem, ainda ingênuos, ainda incertos no caminho a percorrer. Eylert Loevborg é um bémio e um desequilibrado que, sem força para se orientar êle próprio na vida, se lança com entusiasmo a escrever uma obra grandiosa, em que o futuro da humanidade está fantasiado com grandeza. Mas o manuscrito da sua grande obra, lido numa noite de orgia entre êbrios e prostitutas, perde-se depois no regresso a casa, e é queimado pelas mãos ciumentadas duma mulher apaixonada. O símbolo está patente: o futuro do mundo tende a ser perdido por aquêles mesmos que o visidnam com mais amor... Em «O Pato Bravo» é Gregório Werlé, o homem que entende que a verdade deve existir sobretudo e apesar de tudo. Para fazer vingar este conceito introduz-se num lar que vive da ilusão e da mentira, e com a sua verdade preten-

dosamente salvadora, espalha nêle a ruína, a desolação e a morte.

Uma grande figura de idealista é a do pastor João Rosmer, personagem central do drama «Rosmersholm». Nesta peça mostra-se a superioridade da idea sobre os partidos. Rosmer, que abjurara a religião de que era ministro, para se dedicar de corpo e alma à grande obra de dignificação humana, vê imediatamente os adversários maisnarem a sua metamorfose, e os próprios partidários impõem restrições à sua actividade. Então, vencido perante os homens, mas sentindo dentro dêle a idea, sempre generosa e elevada, e que ainda agora não o abandonara, vai procurar o ideal supremo no fundo duma torrente.

O idealista perfeito vamos encontrá-lo no poema dramático «Brand». Brand é um asceta duríssimo, continuador da doutrina de Cristo, mais severo do que êle. Brand com a força dos seus argumentos consegue arrastar atrás de si uma multidão enorme. A igreja do povoado é pequena para conter a imensa fé das gentes. E' preciso um tecto mais vasto — o ceu — e mais elevados altares — os cimos das montanhas. E aí o segue o povo, subindo as serras geladas, chorando, rezando, cantando. Mas os falsos apóstolos do povo apontam lhe Brand como um louco perigoso. Então a multidão afasta-se e apedreja Brand, que é esmagado por uma avalanche. Nêste poema, Ibsen desprezou a realidade charra da existência e aproximou-se mais ainda da realidade magnífica dos símbolos. Brand, antipático e desumano, às vezes, mas grande pela força da fé e do ideal que o arrasta, é uma figura extraordinária que só um génio podia conceber.

A obra de Ibsen abre-nos vastos horizontes, e eleva-nos muito acima de nós próprios. Lê-la é comungarmos no grande ideal que foi a vida excelsa dêsse Homem.

Mesmo quando ridiculisava os homens, os amava. Ainda vituperando-os, é o seu bem que êle ambicionava. Os utopistas que atravessam os seus dramas, uns grandiosos, outros grotescos, são todos metamorfoses de seu eu, que assim tentava abrir os olhos à turba, a qual persistia em os conservar fechados, mesmo perante a luz enorme que em sua frente se agitava.

CARTA AOS INDIFERENTES

Irmão de trabalho: Duas intenções antepostas propositadamente para desnudar, desde logo, a lisura do pensamento que a ditou, promovem esta Carta dirigida à tua indiferença: — esclarecer-te primeiro; convencer-te depois. Esclarecer com palavras sinceras e límpidas; convencer com a fé que dimana do labor a que nos dedicámos.

No tropel das gentes ensimesmadas por interesses ou por falta de fé, anestesiadas e embevecidas na sua impassibilidade e inutilidade olímpicas, agir, trabalhar, vibrar por uma causa superior, ao serviço dos outros, da comunidade — é, hoje, uma virtude e uma necessidade.

Depois dum dia de trabalho monótono por condição própria, e aniquilador da vontade, tu terás uns momentos de ócio legitimamente conquistados. Nós os temos também. Nós vimos para a Associação. Que fazes tu? Não sei. O que sei é que não procedes como eu. Devo, pois, dizer-te porque aqui estamos, porque pode bem ser que o não saibas... Eu terei, assim, demovido o mais difícil da tua indiferença.

Ser sincero é o primeiro dever daquele a quem confiaram um mandato ou que o tomou por vontade própria. Sincero com todos — consigo mesmo. Seria insincero, portanto, alardear uma dedicação extraordinária, uma abnegação sem limites, determinando os nossos actos. Seria mentir-te. Não somos aróstolos ou mártires — almas de sacrifício e de renúncia. A verdade é que estamos aqui apenas por consciência, o que não sei se é menos valioso, mas sei que é verdadeiro.

Estamos aqui porque entendemos, com a noção clara, nítida, consciente, do que fazemos, que aqui devemos estar. Lugar provisório? Missão apagada e medíocre? Não importa — desde que resulte utilidade do nosso esforço — e disso temos a certeza. E' sobre o proveito, a utilidade do esforço associativo que eu quero falar-te, principalmente.

Há duas maneiras de ser, socialmente, um homem. Há os que, cumpridas mecânicamente as funções animais, inferiores, nada mais fazem. Estes não contam: são os inúteis. Mas ha outros que, depois disso, *alguma coisa mais fazem*: estes são homens. Esta *alguma coisa mais* é variável e infinita. — Para ser homem verdadeiramente, um valor que conta para a comunidade, é preciso construir. Esta

alguma coisa mais é a parcela de cada homem para o progresso social, a contribuição voluntária para a obra colectiva. Os grandes, os que muito podem, contribuem com muito — não admira! — um livro, uma estátua, uma escola, tudo. Os pequenos, na humildade do seu valor, contribuem como podem, e cumprem, assim, honradamente, o seu dever. São necessários também — tam certo é que uma onda faz parte do mar imenso sem que, por isso, deixe de ser onda apenas. E', como vês, uma grandeza diferente — mas grandeza.

O homem tem feito maravilhas pelo espírito gregário que o tem animado sempre. A civilização é, acima de tudo, uma obra de solidariedade consciente ou instintiva. Desde as cavernas à torre Eiffel vai um prodígio de associação, de entendimento recíproco. Quere dizer que os fracos devem unir-se para mais valerem — a onda transforma-se em oceano. Foram assim os grandes acontecimentos colectivos que depois efabularam em heróis lendários ou personificaram em nomes rutilantes — porque te têm contado mal a História...

Deste espírito gregário resultou a idea colectivista e, dela a associação, como órgão utilissimo de acção social.

Pensando bem tu concluirás, por tudo isto, que te é mister transformar a tua indiferença indolente num sentido criador e que ao egoístico pensamento que tens formado da vida deves opôr um outro mais nobre e elevado de interesse social maior: tu compreenderás que deves eleger uma missão a que dedicarás o melhor do teu carinho. E tu compreenderás, então, porque aqui estamos. Possivelmente tu nos acompanharás.

Os sépticos rirão de ti; os *snobs* afastar-se-ão, desdenhosos; os maus poderão malsinar, se assim procederem. A uns e outros responderás tranquilamente com o exemplo sóbrio dos teus actos. Se há hoje obra urgente a realizar é esta de separar o trigo do joio, o escó da multidão dos inúteis que pejam o caminho largo do labor fecundo. Ao desdém duns, à facécia doutros, à maldade e ignorância doutros ainda, corresponderá o inquebrantável desprêso dos teus propósitos serenamente mantidos.

E eu poderei chamar-te, então, não um indiferente colega de officio, mas sim um camarada, um irmão, um amigo. E tu passarás a ser também, como eu sou,

UM AMIGO DA ASSOCIAÇÃO

Serão resolvidos pelos Serviços Profissionais todos os problemas que os nossos consocios não souberem resolver

Damos com alvoroço esta noticia aos nossos consocios:

A Comissão Profissional e de Solidariedade, no desejo de corresponder à expectativa da Assembleia Geral da nossa classe que nela confiou a realização de importantes questões que muito nos interessam, acaba de tomar uma resolução da maior utilidade para todos os empregados de escritório e, principalmente para aqueles que, não tendo uma preparação profissional profunda — e tantos eles são — precisam, por vezes, do auxilio e da cooperação de alguém mais habilitado que os oriente e os guie.

A deliberação tomada pela Comissão Profissional e de Solidariedade, a que nos vimos referindo, consiste em encarregar-se ella de resolver os problemas de ordem profissional que os nossos consocios não saibam, não possam, ou tenham difficuldade em resolver.

Acêrca de todos os pontos sobre os quais os empregados de escritório, no exercicio das suas funções, tenham dúvidas, a Comissão Profissional e de Solidariedade prestar-lhes há o seu concurso, ajudando-os assim a remover difficuldades e arredar obstáculos.

Qualquer empregado de escritório, filiado na sua Associação de Classe, tendo que registrar nos livros a seu cargo uma operação nova para elle; sendo encarregado de organizar, de seguir ou de fechar uma escrita e não tendo para isso confiança sufficiente no seu saber; tendo dúvidas ou receios acêrca da maneira de proceder em determinado caso, dirige à Comissão dos Serviços Profissionais e de Solidariedade a sua consulta e, ella, com toda a brevidade possível, enviar-lhe há o seu parecer, o seu conselho, sempre o mais completo e o mais conciso e consciente possível.

Além disso, podendo publicar-se regularmente o nosso *Boletim*, a Comissão fará publicar nele as consultas que receber e, que mais interessantes fôrem e a seguir a ellas, as respectivas respostas, afim de que todos os empregados de escritório, lendo o *Boletim*, aproveitem com as indicações que a Comissão Profissional vai fornecendo.

Como funcionarão os Serviços Profissionais e de Solidariedade criados pela assemblea de 18 de Maio do

corrente ano

A «Organização Sindical dos Serviços Profissionais» tem como fim encarregar-se da execução de trabalhos profissionais de qualquer espécie com o duplo objectivo de provar a capacidade profissional e produtiva da nossa Associação, e de empregar a actividade dos nossos colegas durante o período de desemprego.

A «Comissão Profissional e de Solidariedade» tem a seu cargo, além da direcção daqueles serviços, toda uma série de regalias de carácter moral e material, tais como: salários, horário, semana inglesa, higiene dos locais de trabalho, descanso semanal, etc., e ainda toda a assistência material e moral a prestar aos nossos associados.

De todas as comissões constituídas dentro do nosso sindicato com o fim de lhe dar vida e de o tornar verdadeiramente útil a toda a nossa classe, é esta que exerce a mais simpática e proveitosa das funções creadas.

E, todavia, é ela que mais trabalho tem dado e, há de dar, a constituir.

A complexidade dos problemas de que ela tem de occupar-se e, o desejo ardente e firme que a anima de produzir obra consciente e valiosa, explicam a natural demora no completo exercício de toda a sua acção.

A Comissão Profissional e de Solidariedade precisa, para o bom desempenho das funções que lhe foram atribuídas, da cooperação e da boa vontade de todos os nossos colegas.

Ela pensa crear desde já a «Bolsa de Trabalho» que faz parte do seu plano de acção.

A utilidade desta «Bolsa» dispensa encarecimentos.

Existindo ela, a colocação dos empregados de escritório na situação de «chômage» tornar-se-há não só mais fácil, como ainda mais acertada, seleccionada e consciente.

E' necessário, para isso, rodearmos de prestígio a Associação, convencendo todos os que com ela tem de tratar de que ela está à altura, quer sob o ponto de vista profissional, quer sob o ponto de vista moral ou material, de realizar conscientemente a nova obra que se impoz.

UM CURSO PROVEITOSO

A Associação de Classe dos Empregados de Escritório, que durante um lapso de tempo, permaneceu numa lamentável inércia, em parte, devida a circunstâncias bem justificáveis e que inútil seria agora relatar, vai entrar num período de vida nova, ampla e de trabalhos proficuos.

E' assáz consoladora a concorrência de novos associados que compreenderam bem a necessidade que há duma forte solidariedade para imporem as suas reivindicações, como trabalhadores dignos.

O principal cuidado que ao espirito dos novos corpos gerentes occoreu foi o da criação de um curso que habilitasse os empregados de escritório, não só a bem desempenhar as suas funções profissionais, como tambem a colher, consequentemente, todas as vantagens a que tem jús, quer materiais, quer morais.

As associações de classe, hoje em dia, não devem restringir-se ao papel de simples defesa dos interesses económicos; a sua acção deve ir mais além. Assim o entendeu a direcção deste sindicato que, preocupando-se muito seriamente com a educação dos componentes da classe, começou por preencher uma lacuna instituindo um curso proveitoso.

Não há empregados de escritório completos; o muito que pode haver são empregados perfeitos.

As especialidades no ramo de escritório são variadissimas e cada uma delas exige uma soma considerável de conhecimentos indispensáveis.

O ensino profissional no nosso país é quasi todo elle deficiente e privado das atenções e do carinho que a outros, erroneamente considerados como mais elevados, se dedica. A escola de trabalho não medra — vive antes num regime de penúria e de isolamento que a profibe de realizar toda a sua missão.

Não cabe nas colunas do *Boletim*, por agora, uma análise completa do assunto que, todavia, nos merece todo o interesse. A elle voltaremos mais demoradamente. O que se constata, porém, à primeira impressão, é que, no caso da nossa profissão, o ensino, mesmo o elementar, tem erros graves que vão desde o emaranhado proibitivo de programas de copiosissima matéria até à simplicidade desconcertante dos cursos ultra rápidos de algumas horas apenas...

Uma das nossas assembleas, apreciando o assunto, aprovou

uma proposta em que elle era devidamente estudado. Por essa proposta, as aulas que a Associação mantém foram congregadas num curso de dois anos a que se determinou desde logo um objectivo definido que representasse a soma de maiores necessidades reais de conhecimentos usadas no exercicio da profissão.

Este curso, denominado *Curso de Profissional de Escritório*, é pela sua índole um curso especialmente indicado aos individuos que se dedicam ao profissionalismo de escritório. E' seu objectivo fornecer aos profissionais de escritório que o necessitem, um conjunto de habilitações idealmente considerado como minimo para o exercicio consciente da profissão. Por consequência, o curso não é preparador de guarda-livros, de correspondentes, de contabilistas ou de outra qualquer categoria ou especialidade, mas sim de profissionais de escritório que terão ou adquirirão, onde e como quiserem, na especialidade ou modalidade que preferirem, um maior desenvolvimento.

Esta circunstância afasta-o em absoluto de certas escolas de réclame pomposo e de terminologia não menos pomposa ainda, e livra-o de se confundir com as maravilhas de guarda-livros em 24 horas.

No entanto, o *Curso de Profissional de Escritório* está naturalmente indicado aos que desejem seriamente completar as suas habilitações e aos que pretendam adquirir uma preparação técnica necessária para o desempenho competente das funções correntes na profissão.

O curso compõe-se de seis disciplinas, assim distribuídas:

	}	Contabilidade
		Escrituração
1.º Ano	}	Português
		Francês
		Inglês
	}	Contabilidade
		Escrituração
2.º Ano		Francês
	}	Inglês
		Geografia

A cada uma destas disciplinas está attribuido um objectivo conforme à índole e finalidade de todo o curso.

A matrícula foi prolongada, para os retardatários, até o dia 14 do corrente, devendo a abertura das aulas efectuar-se no dia 16. No acto da matrícula cada aluno contribue para o fundo de instrução com as seguintes quantias:

Matricula numa aula 15,000;
cada aula a mais 2,500.

Como trabalha a Comissão de Educação

O Núcleo de Estudos

O Gabinete de Leitura

Conferências

A experiência das primeiras sessões demonstrou exuberantemente a eficácia e a utilidade deste núcleo, como órgão de cultura e de esclarecimento indispensável no nosso sindicato. Estruturalmente semelhante de outros organismos de denominação idêntica criados em outras colectividades, tem, ao invés delas, uma função educativa genérica. Todos os assuntos, desde que estejam ao alcance da média mental dos associados, podem ser apresentados e serão debatidos.

Integrado no plano educativo de conjunto que a Comissão de Educação se propõe levar a efeito no nosso sindicato, o Núcleo de Estudos é a cúpula, a síntese, para a qual contribuem tôdas as outras iniciativas.

Esta característica de generalidade no funcionamento e nos objectivos, dá ao Núcleo de Estudos a maleabilidade necessária para poder adaptar-se a tôdas as tendências e à diversidade de assuntos que por isso se lhe depa-ram.

O exemplo deu-o a realização das primeiras sessões, interrompidas pelas férias, discutindo com calma, mas por vezes, com entusiasmo, trabalhos, os mais variados, sôbres questões profissionais, de literatura, de ideias, de doutrinas sociais, etc.

As sessões do Núcleo vão recommençar brevemente. Para êsse efeito se está trabalhando. Não há nenhum dos nossos colegas que não tenha encontrado um problema de ordem técnica, uma questão qualquer sôbre o que lê.

Basta que o indique para o Conselho Directivo, para a séde social, que promoverá a sua inscrição no programa das sessões a realizar.

A nossa biblioteca associativa, que funciona todas as noites e empresta livros aos associados, está sendo profundamente remodelada no sentido de desempenhar cabalmente a sua missão. Além das ofertas de livros que se têm registado últimamente em maior número pensa-se em fazer aquisições de volumes que se tornam imprescindíveis para tornar o nosso Gabinete de Leitura um reportório de livros que, pela sua utilidade e agrado, sejam frequentemente utilizados. Temos, por isso, de fornecer as nossas estantes com os livros de literatura, de sciências (incluindo os adstrictos à nossa profissão), de conhecimentos úteis, etc., que permitam atingir êste nosso objectivo.

Êste trabalho é, evidentemente, moroso e em extremo difícil pela modéstia dos nossos recursos. Esperamos, no entanto, ir executando-o com a ajuda dos associados e com a nossa boa-vontade.

Faltam ainda, na Biblioteca do Sindicato, os elementos necessários para o estudo dos vários problemas que, neste momento, se debatem em todo o mundo. De tôda uma literatura moderna, das ideias que lá fóra se debatem mal chega a Portugal o reflexo mortífero duma citação aqui ou acolá. A nossa vida mental, assim, retrocede. Para obviar a isto, embora muito restritamente, o que de momento é possível fazer é assinar algumas boas revistas estrangeiras que em breve estarão à disposição dos associados.

O Gabinete de Leitura funciona todas as noites das 21 às 23, sendo de aconselhar que todos os associados o frequentem.

Devem recommençar muito brevemente as conferências públicas na nossa séde. Ainda êste mês, talvez sejam inauguradas. A comissão de Educação do Sindicato está trabalhando dedicadamente na preparação da nova série a efectuar nesta época.

Foram já dirigidos convites a diversos oradores, publicistas, escritores, professores, etc., tudo indicando que as novas conferências obterão um brilhante êxito e que terão o mesmo acolhimento das que se realizaram na nossa casa no passado inverno, e que, pelos nomes dos conferentes e pelos assuntos versados suscitaram um momento de viva simpatia e interesse no público.

Esta tarefa, em que nos empenhamos, de divulgação de conhecimentos, de difusão de ideias e de propaganda de princípios elevados é a participação devida pelo Sindicato a uma obra de educação social que o nosso tempo impõe e a que todos devem ajuda.

Oxalá o empregado de escritório corresponda individualmente ao esforço e à intenção do seu Sindicato.

.....

cição» que, para o fim em vista, tem conseguido, mercê dum esforço e dedicação verdadeiramente notáveis, algumas centenas de escudos, vai dirigir a todos os associados o seu apêlo, confiada em que êstes, amigos da Associação» como são também, não deixarão de lhe corresponder.

Nesta expectativa, ela vai criar uma quota, absolutamente livre e voluntária, que nenhum sócio, decerto, deixará de pagar com satisfação, em virtude do objectivo a que a cotização se destina.

Essa quota, que é de 50 centavos por mês e por associado, e que existirá apenas durante um curto espaço de tempo, embora seja apresentada a todos os nossos estimados colegas e consócios, podem deixar de a pagar aqueles que assim o entendam, visto que ela é, como acima dizemos, absolutamente voluntária.

Confiemos porém que, não só pela insignificância da quantia, como ainda pelo fim a que ela é destinada, a «Liga dos Amigos da Associação» verá coroada de completo êxito esta sua iniciativa.

Uma máquina de escrever

Um grupo de verdadeiros amigos da nossa Associação e da nossa classe, acaba de constituir dentro da sua séde um agrupamento sob a denominação de «Liga dos Amigos da Associação», com o propósito louvável de procurar obter para o nosso sindicato alguns instrumentos de trabalho de que êle está tão necessitado.

Agora, a «Liga dos Amigos da Associação» está procedendo à realização dos fundos necessários à aquisição duma máquina de escrever que nesta casa tanta falta faz, dado o desenvolvimento e a amplitude que a nossa Associação está dando à sua acção em prol da nossa classe.

A «Liga dos Amigos da Asso-